

RESPOSTA IMEDIATA AO DESASTRE NO CASO DA BOATE KISS: AS RUAS DE SANTA MARIA - RS.

DANI MARIN AMPARO RANGEL¹; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES²

¹Universidade Federal de Pelotas – damparodani@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se a pesquisa, financiada pela CAPES, realizada no âmbito do Núcleo de Estudos sobre Memória e Patrimônio em Lugares de Sofrimento (NEMPLUS), pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. O fenômeno de interesse de pesquisa centra-se nas respostas imediatas dadas pela sociedade civil no âmbito do incêndio na boate Kiss, ocorrido em janeiro de 2013. Objetiva-se identificar e situar as respostas ligadas aos atos de enlutamento e da memorialização das vítimas da ocorrência no espaço público, com foco em período imediatamente posterior ao incêndio, em que esses movimentos de resposta trafegaram por diversos espaços da cidade de Santa Maria.

Aqui parte-se dos pressupostos do campo de estudos de desastres, sendo este fenômeno conceituado por PERRY, como um desdobramento de determinados eventos catalisadores que causam significativas rupturas nos modos de vida de determinado grupo ou sociedade (2018). Resultando na necessidade, ou imposição, da suspensão da vida rotineira na localidade, em variados alcances (PERRY, 2018), (DOMBROWSKY, 1998). Nesse universo, FRITZ E MATHEWSON (1954) propuseram o estudo das respostas de convergência, que caracterizam um movimento em massa de sujeitos aos espaços atingidos ou vinculados a essas situações de desastres, dadas pela sociedade civil, não institucionais. Logo, a partir da observação dos autores foram conceituados tanto tipos de convergentes, quanto a distinções das áreas de convergência (1954), que não na reflexão agora proposta. Nessa trilha, KENDRA E WACHTENDORF (2003), atualizaram essas leituras dos comportamentos convergentes, enfocando especialmente a novas manifestações, que são os comportamentos dos enlutados e dos memorializadores, e dos apoiadores¹. O primeiro referindo-se àqueles que expressam seu luto no espaço público, e o segundo trata de trazer à rua a memória das vítimas dessa situação, e o terceiro como aqueles não envolvidos que desejam amparar os atingidos, em que os três, foram identificados pelo autor e pela autora, tanto como convergentes, quanto a sua própria presença no espaço, potencial criadora de uma zona de convergência, então não necessariamente vinculada ao lócus da ocorrência a que estão envolvidos (KENDRA; WACHTENDORF, 2003).

2. METODOLOGIA

Para este trabalho realizou-se uma investigação de caráter exploratório (BARRERA, 2010), tendo como fonte de informação o material documental decorrente de dois jornais da cidade de Santa Maria, o A Razão e o Diário de Santa Maria,

¹ Kendra e Wachtendorf (2003), propuseram também os comportamentos dos fãs, que não serão abordados nesse trabalho.

coletando as matérias semanais diárias e as duplas de final de semana. Nessa pesquisa o recorte temporal estabelecido foi da primeira semana após o incêndio, caracterizando um período de respostas imediatas. Para a coleta e análise, utilizou-se da proposição de Análise de Conteúdo de Bardin (2004), entre fases de pré-análise, primeiro por meio da leitura flutuante do material, seguido da marcação e captura das matérias de interesse temático. Em segundo lugar, para a fase de análise, realizaram-se isolamentos tematizados, primeiro sobre os locais de ocorrência, depois nos termos de respostas imediatas, seguido da categorização determinada pelas práticas de enlutamento e memorialização, assim separando de outros tipos de lugares, tempos e atos que abordaremos em trabalhos futuros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tal empreendimento resultou então na demarcação de dois lugares fixos, sendo a Praça Saldanha Marinho e o Centro Desportivo Municipal Miguel Sevi Viero (CDM); e de mobilizações de trânsito fluido por determinadas ruas da cidade, sem incluir o próprio local do incêndio, que não será abordado neste trabalho. Em que o CDM foi utilizado no processo legista, de identificação das vítimas e para o velório coletivo, e após desocupado foi palco de comportamentos de convergência. Por sua vez, a Praça Saldanha Marinho não teve vinculação direta a processos decorrentes do incêndio; assim como outras ruas da cidade, que foram momentaneamente ocupadas. Ao longo do processo de análise, em que se trabalhava com a distinção entre ações de enlutamento, memorialização, e de apoio, constatou-se um perfil de convergente que contribui com a especialização do olhar a tal situação. Trata-se então do comportamento de contestação, que aparecia em igual recorrência ou em mais vezes do que os outros abordados neste trabalho. Evidenciado sobretudo nas ações no CDM e nas Ruas.

A Praça Saldanha Marinho, localizada no centro da cidade, é cercada por significativos ícones do local, como o Teatro Treze de Maio, e o prédio da antiga Sociedade União dos Caixeiros Viajantes, e a época, sede do gabinete do Poder Executivo. Foi o primeiro local a servir de palco para ações de resposta a situação, resultando em uma reunião laica organizada por dirigentes do comércio local, com a presença de sacerdotes de diversos credos, que ao fechar o comércio na tarde do dia 28 de janeiro, rezaram por Santa Maria².

No CDM, uma multidão ocupou-se de suas arquibancadas no dia 28 de janeiro, noite de segunda-feira. Em que entre sentadas e circulando pelo espaço das quadras, contabilizou-se cerca de 5 mil pessoas, que portavam cartazes com variados tipos das abordagens da situação. Alguns menores com fotografias de familiares perdidos no incêndio, outros em cartolina estampavam seus nomes; outros portavam mensagens contestando o poder público em termos de fiscalização do tipo de estabelecimento em que ocorreu o evento catalisador³.

Para aquilo referente a respostas imediatas pelas ruas de Santa Maria, foram situados comportamentos de convergência, em movimento, por meio de marchas

² Matérias utilizadas: A Razão, dia 28 de janeiro de 2013 – “Missa ao ar livre hoje na Saldanha Marinho” (p. contracapa). Diário de Santa Maria, dia 29 de janeiro de 2013 – “Culto ecumênico” (p. 17).

³ Matérias utilizadas: Diário de Santa Maria, dia 29 de janeiro de 2013 – “A cidade se une em oração” (p. 18). A Razão, dia 29 de janeiro de 2013 – “Orações, flores e caminhadas pela paz” (p. contracapa); A Razão, dia 30 de janeiro de 2013 – “Caminhada de branco supera expectativas e emociona” (p. Contracapa).

e caminhadas, pelas do centro da cidade. No dia 28 de janeiro, uma delas, partindo da Praça Saldanha Marinho e chegando ao CDM, demonstrando conexões simbólicas entre esses sítios; outra, ocorrendo em trecho próximo à Basílica da Medianeira, chegando a este templo. Essas caminhadas significavam a situação desde seus títulos, Caminhada do Luto e Caminhada da Paz, reunindo nessa noite cerca de 30 mil pessoas, e os elementos portados por seus participantes também transmitiam os sentidos que busca-se identificar, como suas vestimentas, em branco; o uso de luz artificial, no lugar das velas; imagens, como as fotografias dos jovens, ou de iconografia cristã; os cartazes em memória às vítimas, alguns outros que demonstravam apoio, e tantos outros em contestação da situação. Em suas marchas silenciosas, salvas de palmas, orações, e até hinos do RS ou Nacional, por vezes quebravam o silêncio. Finalmente, demarcando e reforçando a individualidade das vítimas, soltaram balões de gás ao céu, balões que constavam os nomes dos jovens perdidos até aquele momento⁴.

Tais incursões no material documental, proporcionaram o conhecimento dessas ocorrências e resultaram na localização desses atos, e permitiram perceber de quais modos ocorreu o fenômeno de convergência em resposta imediata a situação de desastre em que se encontrava Santa Maria. Então, por meio de alguns dos casos relatados inferem-se brevemente os seguintes sentidos. Em primeiro lugar, a Praça Saldanha Marinho, possuidora de significados importantes e capaz de evocar significativa memória local (TRUC, 2018), e de certo modo neutra a situação, foi eleita para iniciar os movimentos de resposta de enlutamento e de apoio. Ainda nela, apesar de um ato organizado por dirigentes e lojistas, deu-se a primeira resposta das tradições religiosas locais, que cumprem secularmente, o papel de gerência do luto e dos significados da morte (WESTGAARD, 2006), sendo então uma presença esperada. Já o CDM, um lugar não neutro, visto seu uso no trabalho de especialistas e no velório, foi palco de momentos de sociabilidade (WESTGAARD, 2006), entre aqueles, de algum modo, tocados pela ocorrência, demarcando aquele agrupamento como uma comunidade de solidariedade (TRUC, 2018), haja vista as posturas lá adotadas. E que em alguma medida, poderia produzir um momento de catarse para seus participantes (KOSSAIFI, 2006). Finalmente, as ruas tomadas pelas concentrações e caminhadas, demonstra fortemente a tendência atual de significativa reunião, convergindo à situação, em que muitas vezes, a massa de pessoas presentes pode não ter uma compreensão total dos danos e causas da ocorrência, visto a rapidez com que ocorrem, mas são tocadas, e participam (TRUC, 2018). Por sua vez, foram os encontros que mais propiciaram a leitura dos objetos portados e dos atos praticados, referindo-se a proposições que podem ser lidas como mesclas de posturas de luto, com as orações (WESTGAARD, 2006); de apoio com mensagens de amparo (KENDRA; WACHTENDORF, 2003); de união, remetendo-se a uma unidade (ERIKSON, 1995), como gaúchos ou brasileiros; e as imagens ou nominatas das vítimas, evocando-as e trazendo-as ao encontro dos vivos (THEODOSIOU, 2012).

4. CONCLUSÕES

⁴ Matérias utilizadas: Diário de Santa Maria, dia 29 de janeiro de 2013 – “Força, Santa Maria” (p. capa, 2, 3); “A cidade se une em oração” (p. 18, 19). A Razão, dia 29 de janeiro de 2013 – “Orações, flores e caminhadas pela paz” (p. contra capa).

Este trabalho possibilita situar, em termos da localização e dos sentidos, os movimentos de respostas imediatas ao processo de desastre, com ênfase nos modos de convergência. Conceitos e abordagens desenvolvidos em pesquisas estrangeiras, sobretudo em localidades que sofreram de grandes males, como atentados terroristas em diversos países da Europa, ou nos Estados Unidos da América, por exemplo. Portanto, a partir disso, essa pesquisa, utiliza-se desse saber científico para leitura e interpretação de uma ocorrência no Brasil. Além de demonstrar que, diferentes casos, e contextos, apesar de similares, podem suscitar comportamentos distintos, como foi o caso do comportamento de contestação que não foi observado nos contextos desses estudos do campo de desastres. Finalmente, aqui apresenta-se um recorte do universo de respostas ao caso da boate Kiss, neste caso, as imediatas, civis, e localizadas em espaços diversos da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3ª. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRERA, J. H. D. **Metodología de la Investigación. Guía para la comprensión holística de la ciencia**. 4ª. ed. Caracas: Quirón Ediciones, 2010.

DOMBROWSKY, W. R. Again, and again. Is a disaster what we call a disaster? In: QUARANTELLI, E. L. **What is a disaster? Perspectives on the question**. London and New York: Routledge, 1998. Cap. 3, p. 13-24.

ERIKSON, K. T. Notes on Trauma and Community. In: CARUTH, C. **Trauma Explorations in Memory**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1995. p. 183-198.

FRITZ, C. E.; MATHEWSON, J. H. **Convergence Behavior in Disasters: A Problem in Social Control**. Washington D.C.: National Research Council, National Academy of Sciences, 1957.

KENDRA, J. M.; WACHTENDORF, T. Reconsidering convergence and converged legitimacy in response to the world trade center disaster. In: CLARKE, L. **Terrorism, and disaster. New Threats, new ideas**. Research in Social Problems and Public Policy. ed.: Elsevier, v. 11, 2003. p. 97-122.

PERRY, R. W. Defining Disaster. An evolving concept. In: RODRÍGUEZ, H.; DONNER, W.; TRAINOR, J. E. **Handbook of disaster research**. 2ª. ed. Switzerland: Springer, 2018. p. 3-22.

THEODOSIOU, C. La mobilisation des morts : culte du souvenir et culture de guerre en France pendant la Grande Guerre. **Revue Lisa**, v. X, n. 1, p. 51-68, 2012.

TRUC, G. **Shell Shocked: The social response to terrorist attacks**. Cambridge and Medford: Polity Press, 2018.

WESTGAARD, H. "Like a Trace": The Spontaneous Shrine as a Cultural expression of Grief. In: SANTINO, J. Spontaneous Shrines, and the Public Memorialization of Death. New York: Palgrave Macmillan, 2006. Cap. 7, p. 147-172.